

nova
escola

GEOGRAFIA: REGIÃO NORTE SEM ESTEREÓTIPOS



Guia de Atualidades a Região Norte em 2021

Saiba mais sobre a questão da saúde,
as descobertas da arqueologia e a
expressividade do cinema da região

O que você vai encontrar neste e-book?

1. Introdução: Região Norte em foco _____ 03
2. Variante brasileira do novo coronavírus, conhecida como P1 _____ 04
3. Título: A riqueza arqueológica amazônica _____ 09
4. A força da nova cena audiovisual do Norte _____ 15

1 Introdução

Região Norte em foco

É interessante e desejável que as alunas e os alunos ampliem os horizontes, as fontes de informação e as visões de mundo sobre todas as regiões do Brasil. Mas, em meio a tantas notícias, episódios e tudo o que estamos vivendo, pode ser difícil organizar o volume amazônico de informações disponíveis.

O objetivo do e-book *Guia de Atualidade: a Região Norte em 2021* é apoiar a formação e a prática dos professores do Ensino Fundamental 2 que desejarem abordar o assunto nas suas aulas ao longo deste ano. Reunimos informações atualizadas e sugestões de caminhos para a sua aula (seja ela remota, seja assíncrona ou híbrida) e para fortalecer as trocas com os estudantes.

2 Variante brasileira do novo coronavírus, conhecida como P1

Ao lado das identificadas no Reino Unido e na África do Sul, a P1 também foi incluída no grupo que causa preocupação, pela alta transmissibilidade.

As análises dos dados epidemiológicos e ainda dos óbitos no Amazonas mostram que o estado já passou por duas ondas da epidemia do coronavírus, denominado SARS-CoV-2.

A primeira começou em março de 2020, atingindo pico por volta do início de maio do mesmo ano, quando o número de casos diminuiu e ficou praticamente estável até novembro. Porém, em meados de dezembro, o número de novas ocorrências começou a crescer exponencialmente, caracterizando a segunda onda.

Foi nesse momento que infectologistas e pesquisadores perceberam que **o aumento significativo de infectados e de óbitos estava ligado ao surgimento de uma nova variante do vírus.**

A linhagem P1 foi detectada pela primeira vez em quatro viajantes japoneses no retorno do estado do Amazonas em janeiro de 2021 e logo depois reconhecida como uma variante emergente em Manaus. É a ela que especialistas atribuem o impulso agressivo da segunda onda, muito embora ela pudesse já estar circulando na região já no ano passado. “A relação precisa entre as variantes circulantes do SARS-CoV-2 e a dinâmica da epidemia no Amazonas permanece obscura devido à escassez de sequências virais amostradas neste estado brasileiro antes de dezembro de 2020”, indica estudo divulgado em fevereiro deste ano, por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Amazônia.

É natural que qualquer vírus passe por mutações de sua estrutura. No processo de multiplicação, o material genético de qualquer vírus pode sofrer alterações ao entrar nas células dos hospedeiros. Elas podem prejudicar o vírus, ou seja, promover mutações que o eliminam, ou então beneficiá-lo, apoiando sua permanência ou promovendo vantagens evolutivas. Num contexto de pandemia, com transmissão desenfreada, as chances de surgimento de mutações favoráveis ao vírus aumentam também e aparecem variantes resistentes.

Denominada a variante brasileira do SARS-CoV-2, a P1 junta-se a outras duas variantes que causam preocupação pelo mundo: a B.1.1.7, identificada no Reino Unido, e B.1.351, na África do Sul. As três são chamadas pelos especialistas de “variantes de preocupação”. Nesse meio-tempo, outra variante, a P2, reportada no Rio de Janeiro, também aparece em circulação pelo país, mas não foi incluída no grupo “de preocupação”.

Calcula-se que a P1 seja entre 1,4 e 2,2 vezes mais transmissível que as linhagens que a precederam, segundo outra pesquisa divulgada por cientistas do Centro Brasil-Reino Unido para Descoberta, Diagnóstico, Genômica e Epidemiologia de Arbovírus (CADDE). O resultado dessa agressividade é que, um mês após a sua identificação, a P1 já estava presente na maioria dos casos identificados em oito estados e analisados pela Fiocruz.

Outro dado que causa preocupação vem de estudo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que mostrou que a imunidade natural é cerca de seis vezes menos eficiente para neutralizar a variante brasileira P1, do que a chamada linhagem B, que circulou no país nos primeiros meses da pandemia.

“A nova cepa é mais transmissível e pode infectar até mesmo quem já tem anticorpos contra o novo coronavírus. Foi isso que aconteceu em Manaus. A maior parte da população já tinha imunidade e mesmo assim houve uma grande epidemia”, afirmou Ester Sabino, da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista à Agência Fapesp. Ela é uma das autoras de estudo, também do CADDE, que estimou que a variante P1 seja capaz de driblar o sistema imune e causar uma nova infecção em 25% à 61% dos indivíduos já infectados pelo SARS-CoV-2.

“Até que vacinas eficazes estejam disponíveis para todos, as intervenções não farmacológicas [*distanciamento social, uso de máscara e higiene das mãos*] continuam sendo necessárias e importantes para reduzir a emergência de novas variantes”, ressaltam os pesquisadores do CADDE.

Para saber mais:

Observatório Covid-19 Fiocruz

<https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>

Página especial sobre coronavírus na Agência Fapesp

<https://agencia.fapesp.br/corona>

Plataforma Info Tracker, que permite monitorar os números de infecções, óbitos e pacientes recuperados em todo o país

<https://www.spcovid.net.br/>

3 A riqueza arqueológica amazônica

Vestígios localizados na Região Norte mostram como as populações moldavam a paisagem, manejavam os recursos naturais e desenvolviam estratégias de sobrevivência, antes e depois da invasão europeia.

Esqueça a ideia de floresta intocada ou de mata virgem quando ouvir algo sobre a Amazônia. Há milhares de anos esse território é ocupado por diversos povos – inclusive bem antes da chegada dos colonizadores europeus, a partir do século 16. Um prato cheio para a arqueologia, ciência que investiga e analisa vestígios de como populações do passado viviam e transformavam a paisagem.

Estudos recentes na região mostram que em 1492 a Floresta Amazônica era ocupada por 8 milhões de pessoas – estimativa que já foi de 2 milhões e que aumentou ao sabor de cada nova descoberta nos sítios arqueológicos espalhados ali. “Ao longo das últimas décadas, a arqueologia revelou numerosas sociedades complexas em grande escala em todas as principais regiões, que contrastam com as sociedades de pequena escala do século 20

descritas por antropólogos, que concordavam mais com os relatos iniciais de testemunhas oculares europeias do século 16 e 17”, analisa estudo de 2015 sobre o tema, assinado em parceria com especialistas brasileiros e estrangeiros na publicação científica britânica *The Royal Society*.

Até o momento, diversas pesquisas já indicaram que a Amazônia é um importante centro mundial de domesticação de plantas e de modificação de paisagens, incluindo terraplanagem e ilhas artificiais.

Em 2020, aliás, pesquisadores brasileiros anunciaram a última grande descoberta arqueológica local: 20 ilhas artificiais na região do Médio e Alto. Elas são antigas aldeias construídas em áreas de várzea nos períodos pré-colonial e colonial. São chamadas de “aterrados” pela comunidade atual que habita a área. Outras construções similares já haviam sido encontradas na Ilha do Marajó, no Pará, e em Llanos de Mojos, na Bolívia.

A descoberta aconteceu a partir de indicação de um ribeirão de uma comunidade da Reserva de Desenvolvimento Mamirauá, unidade de conservação da região e uma das principais áreas de atuação do Instituto Mamirauá. A organização desenvolve atividades de pesquisa, manejo de recursos naturais e desenvolvimento social, principalmente na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas.

“É importante ressaltar que as pessoas já conheciam, mas isso era ignorado ou desconhecido pela comunidade científica”, afirmou Márcio Amaral, arqueólogo que participou da expedição, à época da divulgação da descoberta. Cada ilha mede área entre 1 e 3 hectares e tem seis e sete metros de altura. “Faz a gente ponderar a quantidade de pessoas necessárias para construir, movimentar milhares de metros cúbicos de terra e fazer uma organização desse tipo”, avalia o pesquisador que, juntamente com a equipe ligada ao Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia do Instituto, deve voltar para a região da descoberta para investigar mais o local.

“Ficamos um mês aqui trabalhando e conhecemos 1% dele”, conta o arqueólogo Rafael Lopes, também ligado ao Instituto, que participou, em setembro de 2019, de expedição que revelou grande complexo arqueológico identificado na comunidade Bom Jesus da Ponta da Castanha, na Floresta Nacional de Tefé, localizada na Amazônia Central. Ali não há apenas um sítio, mas vários, formando um importante complexo arqueológico, explica: “Os vestígios localizados indicam grande quantidade de ocupações naquela área, por diferentes populações que viveram ali antes e depois da

chegada europeia. Houve até dificuldade para definir onde terminava um sítio e começava outro”, conta. No trecho próximo ao lago Tefé foram localizados materiais cerâmicos, fragmentos de carvão e de plantas de 3 mil a 1,5 mil anos atrás e, também outros, com datação mais recente, do século 16.

Rafael destaca uma característica importante da arqueologia praticada na Amazônia: lugares com paisagens marcantes são espaços com grande potencial para localização de sítios arqueológicos. Complexos importantes já foram localizados perto de grandes cachoeiras, ou então em áreas com concentração de variedades de plantas, como a Ponta do Castanhal, por exemplo, que possui muitas castanheiras de grande porte, indício de manejo do solo e presença de terra preta – com muitos resíduos orgânicos, indicando presença humana (assentamento, sistemas agrícolas, terraplenagens).

O trabalho de arqueologia na região também se apoia na contribuição das comunidades amazônicas, seja para indicarem locais com fragmentos, seja para incorporar informações preservadas na oralidade. “A arqueologia precisa se voltar para quem mora nessas áreas porque essas pessoas são as conhecedoras e têm uma

tradição oral que a gente consegue rastrear até há quatro, cinco gerações”, complementou Márcio Amaral.

Para saber mais:

Vídeo sobre expedição de complexo arqueológico localizado na comunidade Bom Jesus da Ponta da Castanha, na Floresta Nacional de Tefé

https://www.youtube.com/watch?v=6XBADJvXSVE&feature=emb_title

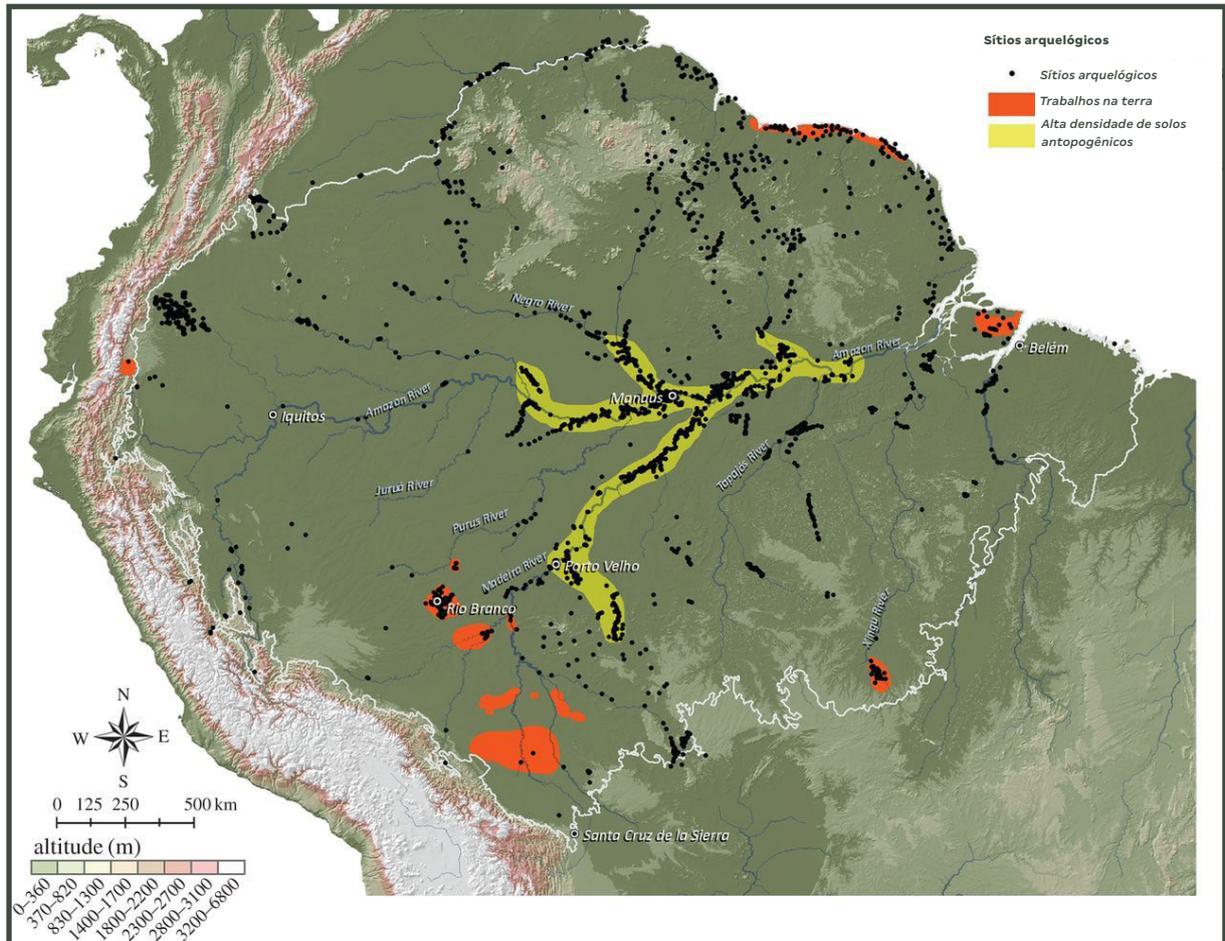
Página do Grupo de Pesquisa em Arqueologia e gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia do Instituto Mamirauá

<https://www.mamiraua.org.br/gp-arqueologia>

Artigo “A domesticação da Amazônia antes da conquista europeia”, divulgado na publicação científica britânica The Royal Society

<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rspb.2015.0813>

Vestígios localizados na Região Norte mostram como as populações moldavam a paisagem, manejavam os recursos naturais e desenvolviam estratégias de sobrevivência, antes e depois da invasão europeia.



4 A força da nova cena audiovisual do Norte

Produções nortistas lançam olhar para dentro e mostram complexidades de quem vive na região, para além dos documentários sobre a natureza.

O estado do Amazonas é o terceiro mais procurado por produtores audiovisuais estrangeiros, que buscam locações no Brasil, ficando atrás do Rio de Janeiro e de São Paulo, segundo a Agência Nacional do Cinema (Ancine). Apesar do grande interesse documental das produções internacionais em registrar a floresta, a biodiversidade e as comunidades tradicionais, a Região Norte tem mostrado toda a sua complexidade nas produções que formam a atual cena audiovisual local.

“Muitas das temáticas dos filmes regionais atuais não são as que se esperam da Amazônia, como as que mostram a cena urbana, violência ou questões dos LGBT”, conta Bernardo Ale Abinader, diretor de *O Barco e o Rio*, seu terceiro curta-metragem. A produção manauara conquistou cinco Kikitos, inclusive de Melhor Direção e Melhor Filme do Júri Popular, no 48º Festival de Gramado, realizado em 2020.

Desde 1997, o festival não premiava uma produção de um amazonense.

Apesar do contexto – história que se passa em embarcação típica nos rios amazônicos –, o curta se debruça sobre a relação tumultuada entre irmãs com visões diferentes sobre a vida. Com a produção, Bernardo – que também é professor de Inglês nas redes municipal (Manaus) e estadual do Amazonas – se junta aos nomes dessa nova leva de entusiastas do audiovisual nortista que se propõem a mirar o olhar para dentro, deixando de lado imagens estereotipadas da região. Agora ele prepara roteiro para adaptar a história para um longa-metragem.

Apesar da descontinuidade de políticas públicas de incentivo às produções, das restrições de apoios e da falta de cursos de formação, os produtores resistem e, com recursos próprios, têm erguido suas obras. O incentivo federal, especialmente da Ancine, a partir de 2015, com a instalação de escritórios regionais em várias capitais brasileiras, estimulou as produções locais, especialmente com políticas que davam suporte à produção para veiculação em TVs públicas e editais de baixo orçamento para longas-metragens. Nessa mesma época, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) criou curso tecnólogo na área de audiovisual

que formou apenas duas turmas (depois foi encerrado), mas que lançou uma geração de novos nomes que despontaram no setor – como o próprio Bernardo.

Tudo isso, juntamente à criação da Amazonas Film Commission e o Núcleo de Polo Digital, em 2001, configura o terceiro – e atual – ciclo do audiovisual amazonense, segundo especialistas na área. No livro *A Tônica da Descontinuidade: Cinema e Política na Década de 1960*, Narciso Lobo, professor da Universidade Federal do Amazonas, cunhou os dois ciclos anteriores: o primeiro, com Silvino Santos nas décadas de 1910 a 1930 e, em seguida, nos anos 1960, com a geração cineclubista.

Português, Silvino lançou seu primeiro filme, *Índios Witotos do Rio Putamayo*, em 1916. Sua produtora, a Amazônia Cine-Film, a primeira da região, realizou muitas gravações impulsionada pela economia aquecida pelo ciclo da borracha. Depois de um vácuo de muitos anos, a retomada, em 1960, veio inspirada artisticamente pela Nouvelle Vague e o Cinema Novo e viabilizada financeiramente pela implantação da Zona Franca de Manaus. A falta de incentivo e o arrefecimento da ditadura militar precarizaram as realizações das décadas seguintes, o que só foi retomado com maior vigor a partir dos anos 2000.

Os incentivos públicos desse período aqueceram o mercado regional como um todo. E novos projetos despontaram também nos outros estados. “As novas produções trazem uma reflexão importante sobre autoimagem, com novas linguagens, novos formatos. São muito diversas entre si. Apesar das dificuldades, é um grande momento para a produção regional”, avalia Carlos Barbosa, sócio-diretor da Leão do Norte Consultorias e Produções Audiovisuais, e um dos idealizadores da Matapi - Mercado Audiovisual do Norte, evento anual que, desde 2018, se propõe a conectar o mercado de todos os estados na região, incluídos ainda os países vizinhos, como Venezuela e México. “Por mais que estejamos muito afastados, estamos próximos no propósito”, conta.

Confira alguns dos nomes dos cineastas da Região Norte:

- **Isaka Huni Kuin (Acre)**, diretor do documentário *Bimi Shu Ykaya*
- **Rayane Penha (Amapá)**, criadora da produtora Catraia
- **Cristiane Garcia (Amazonas)**, diretora do longa *Enquanto o céu não me espera*
- **Larissa Ribeiro (Pará)**, criadora da CasaBarco Filmes
- **Thiago Briglia (Roraima)**, criador dos documentários *Nas trilhas de Makunaima* e *Roraimeira – expressão amazônica*



Para saber mais:

**Websérie Terceiro Ciclo do Cinema
Amazonense, do site Cine Set, especializado
em cinema na região**

[https://www.youtube.com/
watch?v=n2TLnLspBXA](https://www.youtube.com/watch?v=n2TLnLspBXA)

Trailer do curta *O Barco e o Rio*

[https://www.youtube.com/
watch?v=47tFSTcPcvo](https://www.youtube.com/watch?v=47tFSTcPcvo)



O Barco e o Rio - Divulgação

nova

escola



Este e-book é parte integrante do **Nova Escola BOX de março**. Fique livre para compartilhar com outras professoras e alunos, e caso queira conferir outros conteúdos para suas aulas, acesse no QR code acima ou [clique aqui!](#)

Reportagem
MARIA LIGIA
PAGENOTTO

Edição
ROSI RICO

Revisão
ALI ONAISSI

Ilustrações
ANA CAROLINA
ODA

Imagens
DIVULGAÇÃO

Diagramação
DUDA OLIVA